





GASPAR FRANCISCO MENNA BARRETO

Lith. de J. Alves Leite.

# REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

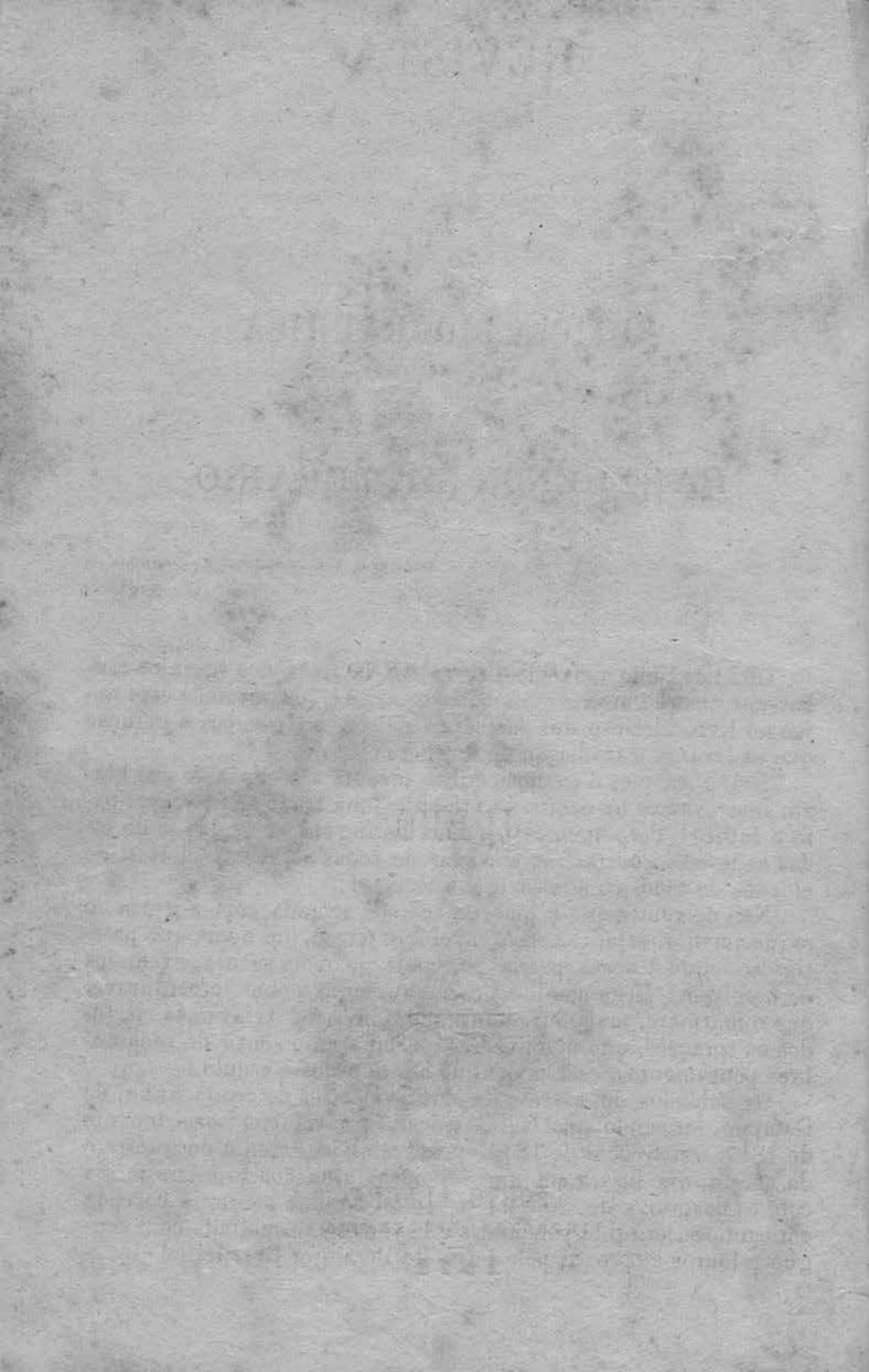
TERCEIRO ANNO

JULHO

---

PORTO ALEGRE  
IMPRESA LITTERARIA

1874



# NOTICIA BIOGRAPHICA

MARECHAL GASPAR FRANCISCO MENNA BARRETO

Peut-être il dort ce boulet invincible.

(DE LAMARTINE).

Oh! não! não deixemos a realza faminta dos tumulos roubar-nos uma de nossas mais bellas glorias! Inscrevamos este nome no livro glorioso dos fastos da patria, e leguemos á geração que se levanta a tradiçãõ de um heróo!

Sim, leguemos á geração que se levanta a historia de um bravo, inscrevamos na orbita do presente uma tradiçãõ invejavel para o futuro! Perpetuemos o nome distinguido do soldado de todas as nossas guerras, do trovador de todas as nossas glorias, do cidadão de todos os nossos affans sociaes!

Não deixemos que a mão do tempo, armada com a groza do esquecimento, sepulte com o involucro terreo, um nome que prestigioso legou á nossa patria por mais de meio seculo, exemplos de heroismo! Ergamos-lhe um monumento menos imperduravel que o marmore, mais duradouro que o bronze! Gravemos em todos os corações, que não gozárão o arfar com o sentir de seus nobres pensamentos, esse nome que honra o nosso seculo!

Os soldados do assedio de Montevideõ, os de Santa Anna, da Catalam, entoando suas bellas trovas, antevião no novel tenente de 1817, o marechal de 1838, encaravão n'esse genio da guerra e da poesia, que ligára em um dia de batalha sua primeira ferida com as dragonas de capitão, o capitel de uma columna bascada em canhões, erguida por lanças e bayonetas, esmaltada com sangue e louros e coroada pelo busto do Beranger Brasileiro!

O exercito já lhe havia erguido um throno, quando o povo re-  
cebia seus ultimos serviços na vellice da guarda da patria!

O povo é nobre, generoso e grato; nós o vimos soluçar peran-  
te o ataúde singelo do lidador exarogue, nós escutamos tetricos a  
voz eloquente de um de seus mais esperançosos talentos, procla-  
mando feitos da nação, honras do Rio Grande, vivas e palpitantes  
no cadaver frio e gelado do marechal de campo Gaspar Francisco  
Menna Barreto!

Sim! Nós escutamos essa voz harmoniosa partida do amago  
do peito de um filho, que respeitava n'esse corpo ferido, pela hor-  
rivel enfermidade, o socio, mestre de seu pai, o companheiro de  
suas batalhas; o filho depositava uma sandade no ataúde do seu  
amigo, o vate uma canção no cipreste do trovador, o arauto do  
povo uma nenia ao cidadão prestante! Erguei — oh! povo —  
a fronte gigantesca e indisputavel; estendei vossa manopla de  
bronze, e depositai com os vossos irmãos do exercito uma coroa  
no monumento de nm Menna!

Sim; aproveitai o exemplo nobre que vos apresenta essa ta-  
lentosa e emprehendedora nocidade, que ergueu entre vós um  
templo á litteratura; vêde o *Guahyba*, essa mimosa flor, que cor-  
rendo apoz uma vida que se escôa na rampa da eternidade, vem  
offerecer-vos á imagem d'aquelle que perdemos!

Quanto é bello este valioso presente! Elle nes outorga n'essa  
effigie tradicções memoraveis! Elle nos offerta como um presente  
de nossa historia e glorias uma obra d'arte! Elle busca vosso  
collossal apoio, porque distingue em vós os sitiados de Porto Ale-  
gre, Rio Grande e S. José do Norte; porque vê em cada um dos  
filhos da nossa bella provincia, uma testemunha d'essa vida que  
findou, d'esse nome que viverá em nossas glorias, como se agita  
hoje em todo o coração o pensamento da liberdade!

A succinta noticia, que unida á sua effigie, vos lega um ami-  
go devotado, e perdido na onda imponente que liga o povo ao  
exercito, é pôr sem duvida a menos bella d'esse primeiro colorido;  
é a vida arida dos Bivoachs; é o existir do soldado; é a epo-  
cha em que o homem de merito faz holocausto dos direitos de ci-  
dadão e é apenas na opinião publica uma maquina de guerra; é  
esse tempo gastado, entre os soffrimentos e a miseria; é esse tempo  
vivido entre o perigo e a morte; é finalmente a epocha discutida e  
aquilatada, a talante de qualquer intelligencia ou vontade entre  
os gosos e a segurança de um viver de cidades na moleza e no  
luxe. Aceitai, pobre qual é, aceitai porque seu valor não está nas  
phrases que traça a tosca penna de um soldado; existe/nos feitos  
que relata na historia que vos offereço, porque essa historia é a  
do filho do decano da classe militar, do primogenito — do primici-

ro visconde de S. Gabriel e marechal do exercito — que quando levava á pia sagrada aos quatro annos de idade seu filho, igualmente lavrava seu nome nos mappas dos distinctos dragões de Rio Pardo, cingindo ao mesmo tempo este venerando patriota em seu herdeiro de nome a sua espada de honra, fazendo d'elle um soldado no berço.

Nascido na cidade de Rio Pardo em 1790, teve sua primeira praça em 1794, contou tempo de serviço só quando havia bebido nas poucas aulas que então existião os primeiros rudimentos preparatorios, que ainda que poucos, o ajudarão a esclarecer uma intelligencia que queria voar, porém que estava então presa á falta de recursos intellectuaes da epocha; aos 15 annos contados em 1805 incorporou-se a seu regimento e desde então encetou a vida laboriosa, em que ganhando renome como miliciano adquirio o titulo merecido de talentoso: em 1809 foi promovido a alferes sècretario, posto, que só as reconhecidas intelligencias e circunspecção podião anhelar.

A' commissão de tenente em 1812, á sua confirmação em 1813 com a antiguidade do anno anterior, a capitão graduado por distincção em 1817 no campo da batalha em Catalam, aonde foi ferido, á effectividade em 1818, seu nome já então conhecido pelo monarcha o fez ganhar no mesmo anno as dragonas de major. Tenente-coronel em 1822, corouel em 1824, contando 19 annos de valiosos serviços, quando fazia 34 de idade. Em cumprimento de lei, e decreto de 3 de Abril de 1832 foi reformado no posto de brigadeiro. Recollido ao seio de sua numerosa familia, empobrecida pela guerra, o veterano não esqueceu nunca, que ainda desligado do exercito, sua espada era o raio dos inimigos de seus juramentos patrios. Na malograda reacção de 21 de Janeiro de 1836 em S. Leopoldo, dirigia o grupo legalista, que o havia entusiasticamente elegido seu chefe.

Obrigado a passar ao Rio Grande apoz esta nobre tentativa, foi ali pelo distincto rio-grandense o Exm. Sr. Araujo Ribeiro encarregado do commando da heroica villa de São José do Norte. No mesmo anno marchou com o Exm. Sr. general Elisiario, commandante das forças imperiaes, para o combate dado em 7 de Abril de 1836, na cidade de Pelotas.

Ameaçava a cidade do Rio Grande, apoz este choque, um assalto dos revoltosos que, forçando os passos de São Gonçalo a marchas forçadas, montavão as areias do Rio Grande; o velho soldado voltando sobre seus passos tomou o commando da ala esquerda do entrincheiramento do Rio Grande, a mais facil de escalar, a não ser o brioso batalhão provisório e seu chefe, que compensavão com seus peitos, as pobres e indevidamente appellidadas trincheiras: o marechal Menna, abi, como em sua juventude, ensi-

nava a esses cidadãos armados, que o verdadeiro soldado, vê em cada dia de combate um dia de gloria; contando-lhes suas lidas de campanha, dormia como elles ao coberto do céu, sobre um canhão, ou junto aos sarilhos; de suas razões tomava uma para si, e com verdadeiro emphase dizia-lhes: não sou eu vosso camarada? Não sou eu como vós um homem. Porque distinguir-me entre vós n'estes comecinhos gozos? Não; na lide somos todos iguaes, porque o perigo não escolhe a victima, e se alguém quer o primeiro posto, deve buscá-lo com gallardia, no foco dos perigos, no centro do fogo. Este homem prestigioso que unia qualidades especiaes, que arrastava em tudo quantos o ouvião, não passou esquecido por meio do Exm. general Blisario que o mandou com uma esquadrilla a esta cidade, conduzindo officios e noticias importantes, dizendo n'essa occasião: « a ninguem melhor que ao general Menna podia confiar tão melindrosa tarefa »; a opinião do distincto general a respeito de seu companheiro de armas é u na brilhante prova de seus merecimentos.

Chegado á Porto Alegre na mais cruel situação, em que o terror e a desconfiança se pintavão desde as praças até o seio das familias: em que o amigo desconfiava do amigo, o irmão do irmão, o pai do filho, e mesmo bastantes vezes da esposa; em que as opiniões divididas se chocavão a cada momento, ensanguentando fratrecidas nosso bello Porto Alegre e suas avenidas, o marechal Menna apontado, apenas chegou, para commandante da linha fortificada que fechava esta praça, só teve o commando como no Rio Grande da ala esquerda, aonde assistio ao ataque de 20 de Fevereiro.

Seu velho pai, o marechal João de Deus Menna Barreto, quiz ainda uma vez ser collega e socio de perigos do digno herdeiro de seu nome, e dividio entresi, o seu filho a linha defensora. Mezes depois a presidencia confiou a este genio incançavel, que em toda parte em que estalava o perigo se apresentava, disputando sempre punho a punho o lugar de honra, o commando da guarnição da leal e valorosa cidade de Porto Alegre por officio de 17 de Dezembro de 1836. Ainda em vesperras da graça de seu melhoramento de reforma em marechal de campo, o general Menna reformado só em nome era mandado commandar geralmente a policia dos districtos da Aldeia dos Anjos, Belém, Viamão e dos terrenos adjacentes até Mostardas. Entre 1832 e 1838, estava o distincto rio-grandense reformado!

Elle era um dos assaz raros que no 7 de Abril de luctuosa memoria havia conservado o distinctivo dos amigos do Senhor D. Pedro I. que o acompanhou á tumba; o general Menna se havia educado amando o astro do dia, mesmo no occaso!

N'este periodo de 6 annos em que era esquecido, elle se fez

lembrado onde a patria, a mãe querida dos brasileiros armava-se para debelar seus filhos; elle escreveu seu nome nos estandartes ensanguentados das legiões do povo, e mostrou seu rosto placido em todos os perigos de então; elle conquistou sem pensar o posto em que morreu! Restituído de direito novamente ao quadro do exercito, o Exm. Sr. Dr. Saturnino e depois o hoje Exm. barão de Caçapava o escolherão para tratar com os sediciosos um convenio de pacificação de nossa provincia: foi quiçá o espirito persuasivo do sagaz emissario, que plantou entre os rio-grandenses essa flor, que o predestinado do céu soube colher e espalhar pelo Rio Grande, que a frue e que beija a mão, que lh'a ministrou! N'elle estadistas como o Sr. Saturnino não virão um simples soldado.

Mandado para commandar as guarnições do Rio Grande e Norte, que o bendizião em 1840, teve de deixal-as em 1842 para commandar geralmente as policias dos districtos áquem do rio Taquary até as Torres e Mostardas.

Desde 1805 até 1845 o veterano foi socio de todas as campanhas em que se empenharão as armas imperiaes.

Em toda a sua longa e acrisolada vida só teve o veterano por trez vezes em somma cincoenta e um dias de licença. Não se encontrão em seus assentos e fé de officio nma só nota, que não seja um titulo á veneração de seu nome. Casado duas vezes com as principaes familias do Rio Grande o marechal Gaspar Francisco Menna Barreto, abastado proprietario, morreu pobre; a guerra civil que assolou nossa terra destruiu como a outros, a fortuna que elle havia herdado de seu pai e esposas, e que habillimento havia augmentado. De ambas essas dignas senhoras elle nos deixou filhos bastantes, e entre elles um, que avulta em nossa historia contemporanea. Sua familia estendida pelo Brazil inteiro, faz bem conhecido o nome do cidadão fallecido a 5 de Setembro do corrente anno; nossos comprovincianos sobre tudo conhecem esse nome antigo que despedaçado fluctuará no mar do esquecimento, se os gigantes braços do Rio Grande não disputassem a sua presa para erguer-lhe um monumento em que assentará indestructivel, porque o nome de Menna Barreto não morre!!!

MIGUEL MEIRELLES.

# OS FILHIOS DA DESGRAÇA

## ACTO II

**DESCRACÃO.** A scena representa uma especie de armazem, onde se vem promiscuamente caixões, montes de ferragem, etc. No fundo ha tres portas que dão para uma officina de ferreiro; ao levantar do banno n'ella trabalha-se activamente. O espectador vê pelas tres portas: bigornas, forjas accezas, folles o grande movimento e ruido proprio d'uma fabrica de largas proporções.

A sala do armazem está quasi em completa opacidade, tendo apenas uma candêa sobre uma pequena mesa no centro.

A' direita duas portas que vão para o interior da casa; á esquerda outras duas que dão sahida para a rua.

## SCENA I

Bazilio e Theodozio no armazem, jogando o xadrez, junto á mesa;  
na officina Fabio e os operarios

Os OPERARIOS (*na officina entoando o canto do trabalho*):

Tem o homem eterna luta  
Des que nasce até morrer;  
Pela cauza da verdade  
Vive, vive a combater.

Mensageiro do progresso,  
Busca os marcos do porvir,

Ideias de divo encanto  
Corre presto a descobrir.

A' existencia robustece  
Nobre e santo trabalhar;  
O martello na bigorna  
Fira, fira, sem cessar, (*As bigornas resção*)

E' o mundo a vasta tenda  
De constante e nobre affan,  
Quem não cede um passo aos ocios,  
Louros colhe em Chanaan.

Além vê-se ao sol brilhando  
Linda flor da promissão...  
Eia, avante! Com coragem  
Há de vir a nossa mão.

A' existencia robustece  
Nobre e santo trabalhar;  
O martello na bigorna  
Fira, fira, sem cessar. (*As bigornas resção*).

A campanha que desfralda-se  
E' dominio do pastor,  
As florestas que se abatem  
São do braço agricultor,

A cidade é do commercio,  
Da officina industrial,  
Da sciencia e bellas artes  
Em amplexo fraternal.

A' existencia robustece  
Nobre e santo trabalhar;  
O martello na bigorna  
Fira, fira, sem cessar. (*As bigornas resção*).

Trabalhemos, companheiros,

Dignos filhos do Brazil,  
D'esta terra bemfadada  
De riquezas mil a mil.

Nossa patria tem destinos  
Em cendacs de viva luz...  
Eia, avante! que o trabalho  
Ao futuro nos conduz.

A' existencia robustece  
Nobre e santo trabalhar;  
O martello na bigorna  
Fira, fira, sem cessar. (*As bigornas resoão*).

FAB. (*na officina*) — Muito bem! Muito bem! Aprenderão o *Canto do trabalho* mais depressa do que eu pensava. (*Voltando-se entra no armazem*).

BAZ. — Xaquc-mate, Sr. Theodosio! (*Tomando rapé com satisfação*) Suei, mas puz em derrota todos estes trebelhos... E' bem certo o dictado: Quem porfia, mata a caça.

FAB. (*a Bazilio*) — Que diz? Como acha agora sua officina? Não ha mais alegria nos operarios?

BAZ. — Comtudo não rende mais. Tuas innovações não são financeiras, creio até que distraem-nos em prejuizo meu. (*A Theodosio, rindo-se*) Este rapaz veio com certas manias da Europa, que só a amizade que lhe consagro, póde admittil-as. (*Ouve-se o toque de recolher ao longe*).

FAB. — São horas de despedil-os, meu pai.

BAZ. — Despede-os, e manda-me Arminio. (*Fabio entra na officina. Todo o trabalho cessa, apagaõ-se as forjas e retirão-se*).

## SCENA II

Bazilio e Theodozio

BAZ. — Vamos aos negocios.

THEOD. — Ordene.

BAZ. — Como meu procurador sempre tive sobejos motivos de elogial-o, por isto tenho sempre incumbencias a dar-lhe.

THEOD. — Estou ás ordens.

BAZ. — Antes de tudo . . Já mandou citar o tratante do carreteiro?

THEOD. — Fiz mais, provei a divida das ferragens com as testemunhas que me indigitou, e amanhã temos a penhora.

BAZ. — Então não quiz reconciliação?

THEOD. — Não era possível.

BAZ. — Muito bem. E sabe pouco mais ou menos os objectes que vão ser penhorados?

THEOD. — Quatro carros, seis mulas, dois cavallos e alguns moveis que nada valem.

BAZ. — Satisfazem o debito. E o que diz a viuva do capitão Velon:o?

THEOD. — Ainda hoje lhe fallei. Respondeu-me que era impossivel satisfazer o pagamento com tanta brevidade. Ella e filhos cahirão-me aos pés, implorando piedade; porém fui inexhoravel, cumpri as ordens recebidas

BAZ. — Muito bem. Nada de commiseração para esta canalha que deve e não paga. Cumpra seu dever, Sr. Theodozio. O prazo expirou, ha uma hypotheca sobre dois escravos e uma mobilia. . .

THEOD. — Não lhe dê cuidado, porci tudo em hasta publica.

BAZ. — E o mais breve possível. . . Não se deixe levar pelas lagrimas. . . Não sustentão a ninguem. . . Cafila de tratantes! . . Ha de uma pessoa dar de boamente seu dinheiro, para rehavel-o depois com uma serie continua de difficuldades!

THEOD. — Sei o que me empre fazer.

BAZ. — Nem fallo assim por offendel-o; é que a indignação extravasa contra a malta de caloteiros que por ahí andão. Quando querem ser servidos, annuem a tudo, são tão cortezes, tão affaveis e risonhos, accitão quaesquer clausulas, fallão com tanta meiguice! Porém, quando sôa a hora do pagamento, que mudança! Uns vivem a illudir-nos com refalsada hypocrisia e vãs promessas; outros descabellão-se, chorão, serião capazes de commover a corações de rocha; e finalmente alguns outros promettem com horriveis palavrões acabar com a raça dos credores. . . E vá um homem amigo do trabalho e da economia attendel-os! Ficaria em breve tempo tão pobre como Job.

THEOD. — Eu os conheço bem; todavia entre os devedores muitos ha que se tornão mãos pela perseguição movida contra elles.

BAZ. — Como?

THEOD. — São honestos, e se na occasião não satisfazem o debito, é pelo estado precario em que se achão. Importunal-os

*incessantemente, quando estão baldos de recursos, é desespera-l-os ao ponto de ás vezes commetterem desacatos.*

BAZ. — Ora! Crê então n'isto, Sr. Theodozio?

THEOD. — Oiga-me. Um exemplo convencerá mais do que extensas ponderações. Conhece Francisco de Aguiar?

BAZ. — Conheço.

THEOD. -- Que juizo faz a seu respeito?

BAZ. -- Não ponho a mão no fogo por ninguém. razão por que nunca aventurei juizos. O que até hoje era bom, pôde amanhã tornar-se o mais celebre facinora.

THEOD. — Pois era na opiuição publica bastante conceituado, e lhe affianço que o merecia. A demissão que ha pouco recebeu a bem do serviço publico, fórmula u ual em nossa politica tacanha para occultar uma injustiça, tomou-o de surpresa. O paiz perdeu n'elle um empregado zeloso dos seus deveres, contraído ao trabalho, intelligente e activo, qualidades que ninguém ousará contestar-lhe. A crise, pois, que teve de atravessar, trouxe-lhe serios embaraços, impossibilitando-o de satisfazer promptamente a alguns compromissos. Um credor em demazia exigente, a quem pedira o curto praso de quatro mezes, não quiz acceder a nada, atacou-o desabridamente em alguns circulos, mandava cital-o, e emfim empregou todos os meios de feril-o na reputação, até a calumnia! E sabe o que Aguiar fez n'um momento de justo ressentimento? Foi encontral-o e após viva e calorosa altercação acabou por feril-o. Eis um moço distincto que não merece a vindicta da lei em meu humilde pensar.

BAZ. — Então louva o acto?

THEOD. — Não louvo o acto, porém justifico-o, e lamento o cidadão que a sociedade acaba de perder.

BAZ. — Este é dos taes que acabaria ás cutiladas com a raça dos credores!... Vamos, porém, ao que serve. O que preten-de fazer sobre a viuva do Antonio da Silva? Já mandou cital-a?

THEOD. — Já e espero receber novas ordens.

BAZ. — A filha é uma linda raparigota; ora se pudessemos fazer com a mãe alguma transacção, não seria máo... hein?

THEOD. — Isto não é de meu officio, Sr. Bazilio. E' uma familia pobre, porém honesta, e quem tem mulher e filhos!...

BAZ. — Caraminholas, Sr. Theodozio!... Bem, encarregarei a outro da commissão, e se não for bem succedido, pertence-lhe a solução do negocio.

THEOD. — Só?

BAZ. — Ainda necessito que me contracte um escriptor, para atacar e ferir sem trogoas, sob minha responsabilidade, se necessario fôr, ao insolente do ferreiro Anaeto, que tomou o firme propósito de guerrear-me de todos os modos. Apresentou-se

hontem em concorrência comigo nas propostas do fornecimento do hospital e na arrematação dos impostos municipaes. Fui o preferido; porém deu-me um prejuizo que eu não esperava. E só por causa d'aquelle bilre sem eira, nem beira!

THEOD. — Amanhã trar-lhe-hei um escriptor de boa tempera. Não ha falta d'este genero no mercado, comquanto ás vezes eleva-se a um preço exorbitante.

BAZ. — Não calculo a despeza. Quero affastal-o impreterivelmente de meu caminho. Desde que ousou provocar-me, ha de lembrar-se por toda a vida das tristes consequencias de sua loucura, e servirá de exemplo para outros que pretendão medir as forças comigo, com a minha vontade de ferro! Vou mata-lo moralmente... Passemos a outra questão. Tomou informações sobre Adriano de Olivares? O que ha no registro das prisões de Santa Catharina?

THEOD. — Dizem-me que Adriano foi condemnado a 28 annos de prisão pelos crimes de falsificação de firmas, quebra fraudulenta, roubo, homicidio, etc. E' um criminoso celebre.

BAZ. — Isto mesmo, um grande velhaco que poz me a perder enormes capitaes. Foi elle o espelho da experiencia, onde vi reflectir-se a humanidade em toda a hediondez. Ainda vive?

THEOD. — Não existe mais na cadeia do Desterro. Informão-me que passou em 1860 para o Rio de Janeiro, muito alquebrado e velho.

BAZ. — Remorsos... Estou satisfeito.

THEOD. (*erguendo-se e tomando o chapéo e uma grossa bengala*)  
— Até amanhã. Sr. Bazilio.

BAZ. — Até amanhã. Não se esqueça do escriptor. (*Acompanha-o até a porta da esquerda com a candêa*).

### SCENA III

Bazilio só, depondo a candêa sobre a mesa

BAZ. — Bom dia é o que termina... (*Tomando uma longa pitula*) Mais quatro contos a receber, quantia que, reunida a meus capitaes, torna-me possuidor de setecentos e vinte sete contos pouco mais ou menos... talvez mais a bella Carolina, por quem estou realmente apaixonado!... e enfim livre do phantasma do Adriano, que a esta hora deve estar gosando a mais pacifica bem-aventurança... Ah! Adriano, tu e teu filho sois os mais horri-  
veis pezadêos que tenho soffrido!

SCENA IV

O mesmo e Arminio (que entra pela direita vestindo a libré de bolieiro)

ARM. — O senhor chamom-me?

BAZ. — Vem cá... Que historia Fabio contava hoje na officina pela hora de meio dia?

ARM. — O Sr Fabio é um bom moço... E' pena que tenha sido tão infeliz.

BAZ. (*rispido*) — Não te pergunto por isto... O que ouviste?

ARM. — Lá vai, senhor. Ha doze annos elle fez uma viagem... e uma viagem de mar. dizem, é horrivel!

BAZ. — Arminio! Responde apenas ao que pergunto...

ARM. — Lá vai, senhor... Uma noite elle foi ao tombadilho, disse que estava triste e tinha muitas saudades d'aqui e de todos, olhava para as ondas que batião d'encontro ao navio, quando dois braços o tomarão pela cintura e ião lançal o n'agua. Era um dos marujos. Então agarrou se ao outro e os dois cahirão... O Sr. Fabio na quéda com uma das mãos tomou um cabo e ficou suspenso. O traidor do marinheiro segurou-se em suas pernas, mas o Sr. Fabio o sacudio. e elle foi com vento fresco para o fundo do mar. Mas no barco houve quem visse tudo, e com difficuldade puderão salvar a André que assim se chamava o inimigo do Sr. Fabio, e metterão-o depois em ferros no porão, E' o que sei.

BAZ. — Fabio não contou o que succedeu ao marinheiro?

ARM. — Se contou! E como elle sabe contar! André quando chegarão em Hamburgo, foi ao jury, negou tudo, mas os senhores jurados não estiverão pelo ajuste e o trancafiarão no chilindró, não sei mesmo se por toda a vida...

SCENA V

Os mesmos e Carlota

CAR. (*ainda dentro*) — Arminio! Arminio! (*Entrando* Ora! meu pai!... Mando preparar o carro e faz-me esperar entretendo Arminio... (*A Arminio*) Arminio, tira os cavallo, não saio mais... E' insupportavel uma vida assim... Vai, Arminio. (*Arminio sahe*).

BAZ. (*com docilidade*) Carlota, não sabia que ias sahir.

CARL. (*com mio humor*) — O senhor nunca sabe! Tem prazer, não é, em ver-me sempre contrariada?

BAZ. — Minha filha!

CARL. (*o mesmo*) — Filha!?. . . O senhor estima-me muito, eu vejo todos os dias. . . Quando ha estima, ha agrado e não offensa.

BAZ. — Carlota, não me digas isto. . . faz-me um mal horrivel! Por que é que eu trabalho? Para quem accumulo tamanhas riquezas? Tudo não é para ti? N'esta casa o teu menor desejo não é uma ordem?. . . O mundo chama-me agiota, judeu, usurario. . . e por quem é, Carlota, que soffro assim? Não é por ti? Imaginas as despezas que fazes mensalmente? Ha mezes cuja verba monta a tres e quatro contos e já fiz eu a menor advertencia? Não. . . não o poderei. . . E's meu unico amor, minha vida, meu culto, minha idolatria!

CARL. — Gostei de ouvil-o, mas os actos não confirmão as bellas palavras. . . Entre o dizer e o fazer ha sempre um abysmo de permeio.

BAZ. — Carlota! Carlota! para que has de magoar-me?! Diz o que queres e obedecerei. . . Queres pôr fogo á casa, a todas as riquezas adquiridas com tantas fadigas? Pódes fazel-o filha, tudo isto te pertence.

CARL. (*rindo-se*) — E' muito sacrificio, não quero tanto; desejo apenas saber se satisfez algumas de minhas exigencias.

BAZ. — Qual?

CARL. — Mandou vir as novas mudas para o carro?

BAZ. — Já, e has de tel-as lindas mesmo como teus olhos. . .

CARL. — Quero, porém, como ringuem as tem na cidade.

BAZ. — Não receies, são dois possantes animaes de raça ingleza, altos, fortes. . . hão de metter medo ao povo. . . e tu passarás entre a multidão, como uma deusa da antiguidade. . . Não é, filhinha?

CARL. — Eu pedi-lhe mais de dois, não lembra-se?

BAZ. — Sim, lembrei-me, terás tambem outra muda de andaluzes.

CARL. (*com alegria*) — Andaluzes?! Obrigada, meu pai. Como vou enraivecer as minhas amigas!. . . Ah!. . . O senhor então, disserão-me, quer sempre mandar Arminio para o engeenho?

BAZ. — Sim, filha, e has de consentil-o.

CARL. — Eu?! Opponho-me com todas as forças. Desprender-me de Arminio!. . . Arminio! o melhor, o mais bello e elegante de todos os boleeiros que tem a cidade! ? Nunca!

BAZ. (*supplice*) — Tu me attenderás. . . Ha um perigo. . . Eu tremo por cada instante, por cada minuto que elle ficar na ci-

dado... Olha, filha... tu me estimas... eu sei... has de consentir... Terás por elle quantos baldeiros te agradarem, quanto me pedires... Se soubesses como minha vida está ameaçada! (*Tomando lhe a mão, beijando a na face*).

CARL. — Sempre o julguei muito honesto.

BAZ. — Filha!... Perdoa-me!... Queres tu ser o juiz e o algoz de teu pai?!

CARL. — Quero sómente que Arminio fique.

BAZ. (*angustiado*) — Tanto amor, que te voto, pagas assim? oh! não me dês uma morte prematura!

CARL. (*impassivel e abanando se com o leque*) — Hontem fallei-lhe a respeito de meu casamento com Fabio, desejo que se o faça o mais breve possível. Quanto a Carolina que solução temos?

BAZ. — Tudo que Maria tem, vai ser penhorado.

CARL. — Só?! Aquella mulher offendeu-me profundamente, e é assim que vingas os ultrajes feitos a sua filha? E appella ainda para meus sentimentos filiaes! Saiba que eu quero... Ouvio? E' preciso que Carolina desça; para ella descer, envidem-se todos os esforços, desfolhe-se mesmo uma capella... Quero vel-a abatida, sem um motivo de justo orgulho. (*Vai até a porta da direita e volta-se*) — E' minha ultima palavra. (*Sahe*).

## SCENA VI

Basilio só

BAZ. — Meu Deus! Queres castigar-me por minha propria filha?! Ella humilhou-me! Ella que eu amo, por quem daria a ultima gotta de meu sangue? Ella que fez-me esquecer a voz da consciencia, e lançar-me nas veredas do crime! Meu Deus! Meu Deus! Tua punição é cruel! Esmague-me o mundo em peso, mas ella!?! O' seria insupportavel!... Eu morreria de pesar! (*Pausa longa*) Mas onde está minha antiga energia? Porque hei de ser flexivel, submisso, fraco, eu que tenho affrontado a todos os homens?!... Eu a amo tanto! Sinto prazer em obedecer-lhe, em adivinhar o mais recondito de seus pensamentos! Mas... se Fabio reconhecesse! Se elle entrevisse quem é Arminio!... Carlota!... Carlota! Tu queres a minha e a tua desgraça! Para deter te na borda do precipicio é necessario que me obedças, ao menos um dia, é necessario que eu saiba fazer ouvir minha voz, ante a qual tudo tem vergado... Vamos, (*tomando a candeia*) a noite está adiantada... Arminio ha de desaparecer, ainda que

por um novo crime. Amanhã serei o Bazilio de outros tempos.  
(*Sake pela direita. A scena fica ás escuras.*)

## SCENA VII

Fabio e Carolina que entrão pela esquerda. Fabio traz uma lanterna furta-fogo, percorre a scena com rapido olhar.

FAB. — Estamos sós, D. Carolina. Nada recie. (*Põe a lanterna sobre a mesa*) Que fazia a tacs deshoras na rua? Porém antes de responder-me, devo-lhe uma explicação: a senhora tem tambem direito de perguntar-me o que fazia eu debaixo de um disfarce. Vou explicar. A' noite embuço-me em longo mante, sombreia-me a fronte este chapéo de largas abas, levo n'uma mão aquella lanterna e junto ao corpo acicalado punhal, e vou por toda a parte indagar nas faces que encontro as feições de um ente que me é caro... e que perdi! Eis tudo.

CAR. (*com voz dorida*) — O' não me interrogue... Ha factos que merecem respeito, dôres que tornão-se um martyrio... O Sr. me conhece, crê-me capaz de uma má acção?

FAB. — E para que occultar-me o segredo que o labio pôde revelar sem fazel-a corar? Não sou tambem um pobre orphão, um filho do infortunio, cuja estrada está semeada de cardos? Cuja fronte tem a aureola das atribulações?... Falle, que a voz do sofrimento só encontra echo no coração saturado de dores e lagrimas, nas almas temperadas pela angustia. Confie em mim...

CAR. (*o mesmo*) — Respeite meu silencio...

FAB. — Confie em mim... Apesar de enconral-a lacrimosa, arrastada por uma patrulha, sem pronunciar uma unica palavra em defesa propria, a creio sempre pura e innocente; mas se levantei parte do véo que lhe encobre a existencia, porque não ha de confessar-me tudo? Que indiscripção ha em receber o balsemo que eu possa derramar-lhe em suas feridas? As consolações que eu possa dar-lhe?

CAR. (*o mesmo*) — Meu Deus! E' um quadro de mizerias... uma scena triste... para que quer sabel-a?

FAB. — Falle... Eu lhe peço em nome de sua mãe!...

CAR. (*em lagrimas*) — Em nome de minha mãe!?... Sim, Sr. Fabio, sim, eu fallarei... O senhor é tão bom, tem uma voz que infunde tanta confiança, que não pôde ser senão a de um amigo...

FAB. (*commovido*) — Tem razão... Só os desgraçados com-

prehendem lagrimas, como estas; só elles podem enxugar-as.

CAR. — Sr. Fabio, Carlota ante-hontem, como o sabe, esteve comigo... O' o senhor tinha razão!... Carlota offendeu-me, offendi-a tambem... E depois...depois? (*Soluçando*) Depois minha mãe foi a victima! Ella devia alguns mezes de aluguel ao Sr. Bazilio, e hontem...hontem foi intimada a pagal-o sem demora e...com ordem de sahir da casa...Este golpe levou-a á cama... Minha pobre mãe!... Se soubesse como soffreu! O senhor choraria, como chorei! Minha pobre mãe! Não faz mal a ninguem...eu o juro, Sr. Fabio!...

FAB. (*o mesmo*) — Continue, suas lagrimas são tambem as minhas...

CAR. — Minha mãe esteve á morte... Tudo que havia, gastou-se, uma vizinha pobre, como nós, deu-nos o que tinha, tambem gastou-se!... Minha pobre mãe delirou hoje todo o dia, o medico veio e disse: Vá sem demora buscar este remedio... Fui ás pressas... e a botica recusou a uma filha a vida de sua mãe!... Depois corri as ruas em desespero, como uma louca, estendi a mão á caridade publica... mendiguei, chorando!... E' que talvez minha mãe estivesse morrendo á mingoa de recursos! O' que agonia!... Que supplicio! meu Deus! Quando os soldados levavam-me como doida?! O' o senhor que salvou a filha, venha salvar a mãe... Quem sabe se inda viverá!

FAB. (*tomando a lanterna*) — Vamos... Deus a protegerá. (*Ouvem-se passos á esquerda*) Oiço passos. . (*Occulta a luz da lanterna*) Occultemo-nos... Coragem! (*Collocão-se no fundo junto a um grande caixão*).

## SCENA VIII

Os mesmos e Arminio (que entra pela porta da esquerda, fecha-a e guarda a chave)

FAB. (*baixo á Carolina*) — Nem uma palavra... nenhum movimento, ou então estamos perdidos!... Esperemos... Teriamos uma sahida pela officina, mas está fechada... Esperemos... O que não posso atinar é com quem tenha outra chave...

CAR. (*baixo*) — E minha mãe?!

FAB. (*baixo a Carolina*) — E sua honra, D. Carolina! Silencio!... (*A' parte*) Quem será?

ARM. (*que tacteando nas trevas tem ido sentar-se junto á mesa*) — Ella virá?! E' a hora que designou-me... Venho esperal-a.

E no entanto meu coração bate com uma força!... Se soubessem!... Meu Deus!... Não... não devo tremer... Vingo-me. O escravo também pôde amar... Ah! julgão-me criança e idiota! Pensem-n'o sempre assim, até que um dia eu mesmo arranque a mascara.

SCENA IX

Os mesmos e Carlota (que vem da direita, pé ante pé)

CARL. (*em meia voz*) — Arminio! Meu caro Arminio!

FAB. (*em voz baixa, mal contendo se*) — Que infamia!

ARM. (*a Carlota*) — Carlota!

CARL. — Ah! Já estavas ahí? (*Vem tacteando até a mesa. Arminio vai encontrá-la*).

FAB. — Parece impossível! Eseutemol-os.

ARM. — Então, Carlota, consentiste em minha partida para o engenho? Adivinho, consentiste...

CARL. — Eu?! Separar-me de ti? E' impossível!... Não me falles assim, Arminio!... Se soubesses a luta que travei com meu pai, como ousei contel-o?! Vergar aquelle homem de tempera rija?! Por vezes tive que recalcar no fundo d'alma os sentimentos filiaes para attender sómente á tua defeza!...

ARM. — Agradecido, mil vezes agradecido! Nunca tive um pai, uma mãe, irmãos, ninguem a quem eu amasse... Carlota, tudo isto que me faltava, creaste em ti... Como eu te amo, Carlota!... (*Beija-lhe a mão*).

CARL. — Eu o combati, mas ainda não consegui vencel-o totalmente. Agora tremo por ti e por mim...

ARM. — Porque?

CARL. — Porque te amo muito, Arminio! O' este amor foi uma verdadeira desgraça para ambos!

ARM. — Uma desgraça!?... Deixa-me pois ir para o engenho... O' eu soffrerei muito! mas morrerrei em breve com o segredo d'esta loucura! Não quero que Carlota soffra, que derrame uma só lagrima por minha causa... E porque amaste a um miseravel?!

CARL. — Arminio! Não me falles em partir!... Não me falles em morrer! Eu te amo... has de viver... e bem feliz. (*Para*) E porque amei-te, perguntaste? Identica interrogação faço a mim mesma. Não tinha eu a meus pés uma turba multa do adoradores da mais elevada jerarchia? Porque não fui buscar e

irmão de minha alma, o companheiro de meu destino nos salões esplendidos do mundo? Oh! porque encontrei corações mirrados, aridos, mortos! Machinas que só se movião á impulsão de uma mola: o dinheiro, o interesse! O amor para elles era uma transacção de commercio, o casamento um balcão! Rojavão a meus pés os miseraveis, como reptis! Em mim vião os capitaes de meu pai! Querião minha fortuna e não meu coração!... E o que eras tu? Para este conjuncto de torpezas que se chama sociedade, eras um ente maldicto! E amei-te no entretanto! E' que encontrei em ti o que faltava n'elles... Um dia... lembras-te d'aquella cavalgada de Natal? Uma multidão rodeiava-me, os thuribulos da lisonja incensavão-me, todôs proclamavão-me a rainha da festa, eu era o alvo de todas as attentões. Quando montamos a cavallo para o passeio á cascata, todos querião servir-me, obsequiar-me. De subito soltão um grito de terror, ficão gelados! Meu palafrem ardego e insoffrido atirou-se pelo campo... Eu já sentia vertigens... ia ser talvez despedaçada, quando um braço corajoso ousou segurar-se ás redeas com risco de vida, e depois de uma luta desesperada deter o animal na carreira insana, febril!... Desmaiei... Logo que dei accordo de mim, perguntei pelo nome de meu salvador... Não fôra ninguem da comitiva e sim uma pobre criança do engenho, tu, Arminio! Estavas ferido, fui incansavel em tratar-te; não abandonci-te, enquanto soffreste. Depois arranquei-te do mato, trouxe-te á cidade, queria fazer de ti um cavalheiro distincto, um homem de sentimento n'este seculo de materialismo...

Outra occasião uma linda menina se affogava. Immensa multidão assistia ao triste spectaculo, immovel, sem um acto de coragem, um resquicio de abnegação! Todos gritavão: Salvem-n'a! Quem a salva? Almas embeberadas de egoismo só clamavão, mas não ousavão affrontar a morte, nem a favor de uma pobre criança! Tu vieste, jogaste a vida com o oceano, ganhaste a partida e foste depôr no seio d'uma mãe desconsolada o anjinho que arrancáras do abysmo... Como achei-te sublime no meio d'aquella gente!? E que resposta digna d'um heróe não foi a tua, para o homem que quiz recompensar tua acção com dinheiro? Repellis-te a offensa com esta phrase frisante: — Não vendo a vida; salvei-a, porque era uma criança... Para que lembrar o que te eleva e ennobrece? O que fez que eu te amasse, pois tinhas um coração de fino quilatê n'uma sociedade de mercadores?!... Escravo, fazias corar a face de teus senhores!... Quem te deixaria de amar, Arminio?!...

ARM. (*que está enlevado, ouvindo-a*) — Todos!... Todos!... Não sou eu o escravo?... Quem lembrou-se jámais de dar-me a liberdade?

CARL. — A força do preconceito pôde immudecel-os, mas tacitamente não deixão de fazer-te justiça . . .

ARM. — Tambem que importa a justiça dos homens ! ? Não me amas pelo que valho ? E' quanto basta ! . . .

CARL. — E o amor que te voto, se me avilta diante dos homens, engrandece-me aos olhos de Deus.

ARM. — Mas impossivel sobre a terra, Carlota ; só te pôde trazer desgraça.

CARL. — Impossivel ? ! O sertão é infinito, Arminio, e Deus abençoará a nossa ventura.

ARM. — Isto não é um sonho ? ! Então ? . . .

CARL. — Em breve tempo partiremos . . . Quero ainda, esperando, esmagar a raça maldicta que fez-me derramar amargo pranto.

ARM. — E o casamento com o Sr. Fabio ? . . .

CARL. — E' uma comedia ! (*Solta uma gargalhada estrepitosa*).

FAB. (*desocculta a luz e vem rapido collocar a lanterna sobre a mesa*) — Infames !

CARL. — Ah !

ARM. — Meu Deus !

CAR. — Sr. Fabio !

FAB. (*arrancando do punhal, desesperado*) — Ah ! Eu era a victima, (*tomando-a pelo pulso*) o joguete de suas torpes machinações ! ? Eu era . . . O que suppunha mesmo ? O orphão atirado á porta de sua casa, que nem ao menos merecia a felicidade do matrimonio ? Não ?

CARL. — Senhor, olhe que me magôa o pulso !

CAR. — Meu Deus, protegei-nos ! Sr. Fabio ! Sr. Fabio ! . . .

## SCENA X

Os mesmos e Bazilio (em chambre, com uma vela)

BAZ. — Que inferno ! Que algazarra é esta ?

FAB. (*arrastando Carlota até junto de Bazilio*) — Senhor, sua filha deshonrava-o ; e relativamente ao casamento projectado . . . tinha uma gargalhada sarcastica ! . . . Eu era para ella um titere de theatrinhos ! . . . Senhora, de joelhos ante o venerando pai, cujas cans salpicava de lodo . . . De joelhos ! (*Atira-a aos pés de Bazilio e corre com o punhal alçado sobre Arminio, que está como petrificado sobre o banco. Carolina interpõe-se, segurando-lhe o braço*).

BAZ. — Que significa tudo isto ?

FAB. — Significa que aqui ha a amazia de Arminio. (*Leva a mão de Carlota a Arminio*).

BAZ. — Tu, filha!?

CARL. — Consente, meu pai, que me insultem assim?... Pergunte áquelle senhor o que significa a presença d'aquella mulher aqui?

FAB. (*tomando a mão de Carolina*) — É' que era necessario o anjo para supplantar o demonio!

CARL. (*n'um grito de agonía*) — Meu pai! (*Bazilio a repelle, e ella vai cahir desmaiada aos pés de Arminio*).

BAZ. (*que durante esta scena parece estatelado, como voltando a si*) — Minha tilha! Carlota! (*Corre até ella, toma-a nos braços*)  
Minha filha! Pai desnaturado — matei-a! (*● panno desce*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

---

## CRENÇA E SCEPTICISMO

---

(UMA PAGINA DA VIDA DE DOIS ESTUDANTES)

LUCIANO DE AGUIAR. — Embarquemo-nos, amigo.

Deixa que o barqueiro descuidoso abra a vela ás brisas mor-nas da tarde...

O mar é bonançoso como um coração de virgem.

Nenhuma voz humana ousa perturbar este silencio augusto que nos rodeia.

As gaivotas brancas bóião indolentes na verde superficie e paixão por nós como alvissimas espumas animadas por um genio desconhecido...

Sejamos como ellas : resvalemos tambem ao tom das aguas e demos livre curso ás nossas divagações...

CANDIDO SILVIO. — E' tarde ! O coração que morre é um ca-daver enregelado que dorme dentro do peito sem uma pulsação, sem um atomo de vida !

Canta, enquanto as brisas perfumadas de tua existencia não se trocão pelos vendavaes da tormenta ! Sorri-te, enquanto sentes n'alma esses risos da mocidade que se expande em sonhos ; essas melodias celestes que transpirão dos alaúdes dos poetas, dos sonhadores.

Cantos e sorrisos... frivolos devaneios, que forão para mim como a rosa infortunada de Malherbe...

Mas partamos... O mar é o abrigo das tempestades... pôde ser tambem o tumulo de mais um naufrago !

Partamos. Ouvirei as loucuras de moço, as tuas divagações iriadas de amores ; porém amar como tu... é tarde !

LUCIANO. — Levanta-te, sceptico ! Desembuça o teu semblante pallido mas ainda cheio do vigor dos vinte annos ! Atira

para longe essas negras scismas em que te envolves e encara o mundo pelo prysma dourado das tuas illusões que não morrêrão!

Vê como o mar é tranquillo como um espelho de esmeralda... como o céu adorna-se de nuvens de ouro e purpura... como a propria natureza parece estremecer de amor como a noiva sob a gase do véo!

CANDIDO. — Amor! Pobre louco! creança toda embebida em sonhos e para quem os dias são auroras perennaes!

Tens razão em fallar-me assim. Não sentiste ainda o sol no zenith escaldar-te a fronte, e bronzear-te essa face ainda fresca e louçã como as flores das alvoradas.

Não deliraste ainda n'essa febre ardente que nos requeima uma a uma as illusões mundanas... essa febre que tortura o coração do descrente ao sol poente da vida, quando a imaginação, despida das miragens iriantes da adolescencia, contem em si um inferno povoado de visões dantescas; mas um inferno que não é um sonho, que é a realidade com todo o seu cortejo de amarguras!

Pensas talvez que os meus vinte annos são apenas quatro lustros risinhos que coroão uma existencia placida, como quatro niveos cysnes que de manso despertão as ondinas de um lago?

Não! A vida não é o movimento automatico de uma pendula; não é essa oscillação cadenciada que ciuge-se simplesmente ao tempo: ella é vária; ora eleva a alma ás regiões ethereas em sonhos dourados, ora baixa o coração ao fundo do oceano n'essas cavas de torturas.

Amigo, o dia de um martyr vale um século.

Essas victimas que a cada momento caminhão altivas, com os pulsos arroxeados pelos grillhões do infortunio, e que, passo firme, sóbem os degrãos patibulares entre o motejo insolente de uma multidão de bandidos e um crucifixo que lhe apresentam não em nome da religião de paz e caridade prégada nas terras santificadas de Sião; mas em nome de uma seita de fanaticos que fazem de Christo um vingador, e de Galileo um criminoso: essas victimas têm a existencia dos Mathusalens!

LUCIANO. — Cala-te, pessimista! O que n'este momento te falla n'alma não são convicções profundas arraigadas por uma dolorosa experiencia.

Sectario de uma doutrina perniciososa que fez de Alvares de Azevedo um suicida, tu te deixas arrastar por sentimentos desconhecidos ao teu coração e queres ver na tua existencia peripecias que nunca existirão.

Tua alma, apprehensivel ao menor obstaculo, faz revestir de côres negras o painel da tua vida presente tão rico de louçanias e

Não! não tens a velhice precoce que assignala a fronte do martyr nas alvas cans desbotadas pelo soffrimento!

Em vez da ruga prematura que revelaria o sulco das tempestades do espirito, tu tens a placidez bonançosa dos lagos transparentes e azues da Italia.

Já fui um louco como tu.

Deixei-me tambem levar pelos desvarios de uma imaginação exaltada, perdi-me na noite trevosa da descrença e quasi pollui minha alma na insania de uma blasphemia. Mas n'esse chaos de pensamentos attribulados e loucos, um anjo, sob a fôrma de uma linda mulher, fez nascer a luz que inundou-me de fé.

Escuta.

Não sentiste ainda emoções profundas ao ver passar ante teus olbos uma d'essas creaturas que nos apparecem em sonhos, e que com um olhar, um sorriso, te incutisse n'alma uma paixão irresistivel, um desejo ardente de felicidade?

Ouve, pois, a minha historia:

I

Foi sob o sol da Hespanha: n'essa terra encantada, perfumada sempre de ignotas fragancias, palpitante de seiva e esplendida de luz!

Recostado ao parapeito da ponte de Toledo, ouvindo os leves murmurios do Manzanares que beijava timidamente o marmore branco das escadarias dos gothicos monumentos, quantas vezes não senti minha alma desprender-se da terra, e, toda envolta nos perfumes d'aquelle ambiente suavissimo, sonhar em amores ideaes!

O' Madrid! formosa castellã que guardas no seio eburneo as sacras tradições de um passado heroico! que contemplas impassivel as continuas revoltas em teus dominios e que vês dia a dia murchar uma flor do teu brazão de grandezas! E's linda Madrid!

Quando os raios de um formoso plenilunio envolvem-te em um manto alvissimo de esplendores, sentes talvez rolar na face uma lagrima furtiva, e dormes coroada de estrellas e acalentada pelas musicas suaves das languidas serenatas!

Teu nome será sempre para mim um complexo de saudosas recordações, formosa Madrid! E' que eu amo-te! Amo-te, porque, se entre os espinhos do meu passado, brotárão flores, forão alentadas por ti: ao teu sol, ás tuas brisas, ao suave influxo da tua atmospherã sempre pura, sempre saturada dos aromas de teus cabellos negros!

Por dois annos acolheste-me em teu seio, a mim, que, enfraquecido pela doença, amargurado pelos dissabores, fui procurar em ti um refugio. E tu, com as auras embalsamadas de teus jardins, com as tuas musicas harmoniosas, e mais que tudo, com o olhar de uma de tuas filhas, restituiste a vida a meus pulmões dilacerados, banhaste minha alma em ondas de fé, fizeste expandir-se em meu coração o mais recatado dos sentimentos!

Salve, pois, ó Madrid! A ti — as minhas lagrimas de saudade!

## II

Carmen era o verdadeiro typo da mulher andaluz: tranças bastas e negras, olhar ardente e apaixonado, cutis rosada e setinosa e labios finos.

A primeira vez que a vi foi no theatro.

Ao assestar o binoculo, suppuz contemplar uma divindade pagã que por capricho atravessasse a noite dos tempos, para se deixar admirar em pleno seculo dezenove.

Não sei o que senti em mim, que me fez estremecer. Foi o inexprimivel.

O coração pulsava-me com violencia ao ler no semblante de Carmen todas as impressões de dor ou de alegria que as peripecias do drama lhe causavão.

Esqueci que me achava no meio de uma multidão de curiosos, e não desfitei o olhar d'aquelle semblante encantador.

E quando, findo o spectaculo, envolto o rosto levemente melancolico na branca mantilha de rendas, ella passou por junto de mim como uma visão, senti uma vertigem perturbar-me as ideias e encostei-me a uma columna para não cahir.

Amei-a desde então, apaixonada e loucamente.

A sós, no silencio de meu gabinete, phantasiei dramas de amor e de lagrimas em que eu e ella eramos os protagonistas.

Passei, durante mezes, uma existencia de sonhos...

A imagem d'ella nunca me abandonava.

Era loucura talvez viver das recordações de uma unica noite, guardar como em um sanctuario a imagem de uma mulher que só foi contemplada pelo breve espaço de algumas horas... Mas que importa?

E no entanto, ao passo que eu formava na imaginação castellos impossiveis, romances sentimentaes e loucos, a molestia que eu sentia calcinar-me o peito, essa febre ardente que me obrigára a abandonar familia, patria e futuro, para procurar lenitivo em

terras estranhas — roubava-me lentamente a seiva da existencia. . . adiantava-se com uma impassibilidade estoica!

Era um definhar doloroso e afflictivo que me fazia chorar de desespero!

O Christo! se não fôra a tua religião transmittida pelos labios santos de minha mãe, eu abraçara sem temor o suicidio como o unico refrigerio a meus males!

### III

Um dia, recebi uma carta de um conde de Carthagená, na qual instantemente me pedia que fosse a seu palacio fallar-lhe.

Fiquei em extremo surprehendido ao receber um convite d'essa ordem e de uma pessoa tão altamente collocada.

Mas o titulo de *conde de Carthagená* trouxe-me uma vaga lembrança de tel-o ouvido pronunciar por meu pai. . .

Por intermedio de algumas pessoas desconhecidas a quem interroguei, soube onde era situado o palacio do conde e para lá encaminhei-me.

Entrei. Entreguei o cartão a um creado e esperci.

Minutos depois, veio ter commigo um homem, cuja fronte austera e digna infundio-me profundo respeito.

Fez-me entrar em um gabinete particular, e, depois dos cumprimentos baaes que a etiqueta hespanhola considera imprescindiveis, quiz certificar-se da minha identidade perguntando pela minha ascendencia.

Contei-lhe singelamente o que sabia de meus progenitores.

O velho, um pouco commovido, apertou-me a mão com vivacidade e disse-me quem era.

Era o conde de Carthagená.

Fallou-me com calor das suas campanhas e do orgulho peculiar á sua nobre raça. Tinha sido intimo amigo de meu pai que por vezes lhe salvára a vida nas suas temerarias emprezas. Soubera casualmente que eu achava-me só em Madrid, soffrendo talvez privações e desejava ser o meu protector.

Era uma divida, dizia elle, que pagava á memoria de meu pai. Pedio-me que abandonasse definitivamente o meu aposento no hotel das *Duas Aguias* e que accitasse um lugar junto de si como seu secretario particular.

Agradei com sincera emoção o interesse que o conde tomava por mim, e recusei o seu mais que benevolo offercimento. Fiz-lhe ver que o meu estado melindroso de saude não permittia que

me occupasse em cousa alguma que dependesse de esforço das minhas faculdades. Pedi-lhe que me deixasse voltar para a obscuridade em que vivia, senão feliz, ao menos alheio a preocupações materiaes que me apressassem a morte.

N'esse momento, entrou ligeiramente no gabinete uma linda mulher vestida com todos os rigores aristocraticos, que com o sorriso nos labios foi beijar a mão ao conde.

Ao deparar commigo, perguntou-lhe baixinho quem eu era. Satisfeito o seu desejo, apertou-me a mão com cordialidade e perguntou-me se gostava de Madrid.

Não sei o que lhe respondi. . .

Senti um atordoamento inexplicavel perturbar-me a razão. . .

Quando despertei da minha lethargia, vi o conde diante de mim olhando-me com inquietação, e a moça reclinada sobre mim fazendo-me aspirar o delicioso perfume de uma essencia maravilhosa.

E quem dispensava para commigo carinhos proprios de uma irmã, era a filha do conde de Cartuagena : era Carmen !

#### IV

Foi tal o meu estado de abatimento e prostração, que vi me obrigado a acceitar a hospitalidade que o conde me offerencia.

Resolvi transferir a minha residencia para o seu palacio.

Mas tomei uma resolução decidida : vi a posição falsa em que ia me collocar junto de uma mulher que era para mim um idolo de adoração : calculei a profundidade do abysmo que nos separava e procurei occultar sob a mais fria indifferença todo o amor que me escaldava o coração.

Luta insana e ingloria em que eu, pobre e doente, me via esmagado por innumerous preconceitos, sem poder exhalar um queixume se quer, receiando trahir-me !

Carmen, dotada de uma alma generosa e boa, foi pouco a pouco sentindo por mim a sympathia que se nutre por um ente infornado.

Proporcionava-me todas as commodidades para que a molestia não progredisse.

Quando o meu semblante annuviava-se de tristeza, ella percorria o teclado do piano e cantava balladas pastoris e alegres que me fazião esquecer todos os soffrimentos.

Uma irmã não me seria mais desvelada do que aquella linda creatura, que compenetrava-se do mais sublime dos sentimentos : a caridade.

Na doce convivencia com esse anjo, senti que a pallidez morbida de meu rosto ia dissipando-se como um froco de neve aos primeiros beijos do sol.

O' conde! não foi a tua constante solicitude para commigo, nem os esforços da sciencia medica que operarão em mim a transformação de que tu tanto te admiraste! Os olhos negros d'aquella em quem tu depositavas as esperanças de uma descendencia de heróes, forão os unicos agentes que inoculárão em meu ser a vitalidade que extinguiu-se!

Senti-me viver e viver para a felicidade.

Em vez do archanjo fuenerario em cujo seio eu adormecesse em um somno de morte, o amor distendeu sobre mim as suas alvas e candidas azas!

Carmen, dotada de uma intelligencia superior e de uma inexcedivel percepção, conseguiu decifrar atravez da minha mascara de frieza todos os segredos que me palpitão n'alma: amou-me tambem.

Alma de anjo que não te dedignaste de baixar do teu pedestal de luz á profundeza da minha obscuridade — as bençãos do céo sobre ti! exclamava em em lagrimas aos pés d'aquella creatura sublime.

Mas a nossa união era impossivel.

A sociedade havia collocado entre nós barreiras que não podiamos transpôr sem mancha para os braços do conde.

Carmen confessou-me por vezes que de bom grado resignaria os seus titulos e a nobreza da sua gerarchia para unir-se a mim por laços indissoluveis, se seu pai, pundonoroso pelos seus antepassados, não a amaldiçoasse talvez!

Cumpria-me, pois, voltar á minha terra natal em busca de um titulo que a puzesse ao abrigo de acerbos recriminações.

Cumpria-me partir... deixal-a... deixal-a talvez para sempre!

Revestido de toda a minha coragem, affectando a maior placidez de espirito, despedi-me do conde. Disse-lhe que era necessario auzentar-me de Hespanha, para continuar os meus estudos de engenharia civil; estudos que eu tinha interrompido em consequencia da molestia, de que, felizmente, graças aos seus esforços, me achava restabelecido.

E tive forças de despedir-me de Carmen?

Não sei o que passou-se entre nós... Chorei talvez, porque choro ainda a essa amarga lembrança!

Voltei para o seio dos meus, no firme proposito de adquirir, por esforço proprio, ou uma reputação litteraria que me collocasse acima do commum dos homens e que fizesse o conde curvar-se ante a realza de meu genio, ou uma fortuna collossal que me fornecesse um titulo de nobreza.

Robustecido pelo amor, senti-me capaz dos maiores commettimentos.

Tirei o curso completo de engenharia civil.

Dedicava-me com fervor á confecção de um drama, cujo effeito me devia trazer uma notavel popularidade, quando fui interrompido no meu trabalho por uma carta vinda de Hespanha.

Era o conde que escrevia-me.

Não era um fidalgo que descia a corresponder-se com um plebeu: era um pai que dirigia-se a um ente que podia salvar-lhe a filha de uma morte inevitavel.

Carmen, de uma compleição debil e delicada, não podia resistir á profunda melancolia que a minha partida lhe causára...

Definhava na sombra do isolamento, sem lhe valerem os carinhos do conde...

Regeitava todo o genero de distracção que seu pai lhe proporcionasse.

O piano nunca mais abriu-se para sentir no teclado o mimoso contacto d'aquelles dedos de fada.

Carmen sentia-se morrer.

Mas um dia ergueu-se com a nobre resolução de uma alma que reage contra uma oppressão que a anniquilla: confessou ao conde tudo o que se havia passado entre nós, e invocou a memoria santa de sua mãe para obter d'elle approvação do nosso casamento.

Que luta não se teria operado no coração d'aquelle homem que, respeitando com devoção as cinzas venerandas de seus nobres avós, via-se forçado a concordar com um enlace tão pouco digno á sua gerarchia!

Mas...era preciso salvar a vida de sua filha, o seu unico affecto sobre a terra, o ultimo arrimo de seus annos decadentes...

O conde escrevia-me.

Louvava a nobreza do meu procedimento, abandonando a vida sedentaria de Madrid para aperfeiçoar o meu espirito nos bancos academicos, e pedia-me que com brevidade fosse ter consigo para tratar de negocio de grande transcendencia...

Ninguem avalia a profunda commoção de que fiquei possuído ao ler essa carta.

Ha alegrias tão inesperadas e tão sensibilisadoras, que não podem ser descriptas. . .

Embarquei no primeiro paquete para Cadiz : d'ahi segui pelo trem de ferro a Madrid.

Ao entrar n'essa cidade que fôra para mim, durante mezes, um ermo, que mais tarde transformára-se em um paraizo e que ia ser finalmente o paiz encantado de meus sonhos, o templo em que ião realizar-se todos os meus amores ideacs, senti minha alma dilatar-se como o calice de uma flor a um raio de sol, e, prostrado, balucei a Carmen um hymno de amor e a Deus um hymno de adoração.

. . . . .

Um mez depois, estava eu ligado para sempre a essa linda filha da Andaluzia, a mais formosa talvez das moças de Madrid e sem duvida o mais nobre coração que ainda encontrei.

E o nosso amor não tem diminuido de intensidade. .

E' que Deus nos protege porque os nossos affectos forão santificados por elle.

Amamo-nos sempre com o enthusiasmo de noivos.

A esta hora, está ella talvez fazendo vibrar nas teclas do piano alguma d'aquellas balladas que tanto me enlevavão, ou cantando :

Lejos de ti mi vida se consume  
Sin tu luz, sin tu aroma, sin tu aliento !  
Soy la flor sin rocío e sin perfume  
Machita e deshojada por el viento !

CANDIDO. — Amigo, és sonhador ainda : um dia despertarás, e então essas miragens dissipar-se-hão perante a realidade !

Amas, porque tens um coração ainda immaculado ; a rosa tambem respira perfumes, enquanto o sopro da tempestade não lhe machuca as petalas.

Queres ler uma das paginas negras de minha vida ?

Queres ouvir o prologo matisado de sorrisos de um poema saturado de lagrimas de sangue ?

Ouve-me :

I

Fui tambem, como tu, estudante.

Sei como essa vida é alegre, cheia de risos, porque os seus convivas são moços todos, peitosabertos ás emoções do enthusiasmo, frontes ondê bafejão os sopros de liberdade e que longa dos preconceitos, das etiquetas sociaes, formão uma Thebaida — a *republica!*

Oh! eu bem me lembro d'esses tempos!

Parti, um dia, para Paris.

Deixava um pai debruçado sobre os tumulos de meus antepassados e á borda d'esse abysmo a sorrir-se para mim, a sua unica esperança!

— Vai, dizia-me elle á hora amarga da partida entre soluços e lagrimas, parte, filho; tens o cunho do genio que deu-te a natureza, tens a opulencia do ouro que te legão teus pais; não deixes macular seu nome; sóbe, sóbe sempre, sempre!

Levei no coração essa scentelha, que me animava em todas as contrariedades, contra todos os obstaculos!

Travei uma luta immensa, titanica, querendo absorver um seculo n'um minuto; de um trago todas as paginas da sciencia.

Uma vez, porém, quando já bem perto sorria-me a gloria do tremendo combate, baterão á porta do meu quarto, ventura ou tentação:

— Candido, *my dearest*, accorda-te, deixa o livro, esse narcotico, em tempo de ferias! Pareces-me um ermitão com os olhos pespegados em seu breviario!

Vamos á Veneza, sabeso que é o carnaval, o *hallo in mascara*, os montes encantados cheios de illusões, de phantasia?

E's estudante ou anachoreta?

Queres um *rio de rosas* ou um *rosario*?

Vamos. Amanhã acordaremos sob o tecto dos palacios dos doges...

II

Era em Veneza.

A noite corria placida como as ondinas do Adriatico ao sopro das brisas.

As balladas alegres dos gondoleiros ião misturar-se com os sons harmoniosos das orchestras nos salões esplendentes dos nobres.

Quem ainda não souhou com a Venus italiana rompendo as ondas com as suas columnatas de marmore?...

Uma nota trazida pela viração veio despertar-me de uma meditação profunda.

Pensava silenciosamente sobre a ponte do Rialto, com olhos fitos nas vagas prateadas do lago e a alma embalada nos sonhos do futuro cheio de esperanças.

Escutei, e o canto se aproximava.

Cantavão a Santa Lucia.

Já ouviste fallar das cantilenas mysteriosas das virgens oceanicas, que seduzem os nautas e perdem os pilotos no meio das ondas?

Levantei-me.

Corri os olhos em torno de mim. Um batel singrava as aguas silenciosamente... dentro do batel vinha uma mulher... só uma mulher!

Pulsou-me forte o coração.

Sonhava? Não!

### III

Dias depois estava eu no adro da igreja de Sam Giorgio, quando uma voz d'entre a multidão dos crentes que sahião do templo me fez recordar a nota perdida que me despertára uma noute.

D'esta vez deparei uma d'essas visões vaporosas, que nos fazem viver de loucas esperanças!

Segui-a.

No voltar uma rua, porém, apressei-me mais do que devia e cego e apaixonado pisei-lhe no vestido que rompeu-se a meus pés.

Tremi, e ella olhou-me com um d'esses olhares de odio que penetrão no coração, como a lamina aguçada de um punhal!...

Nada mais vi, senão momentos depois, um transeunte dar-me agua, levantar-me da calçada e finalmente perguntar-me:

— E' sua esta medalha?

Olhei, era o retrato d'ella.

Guardei-o.

### IV

Venesa em todos os dias é a patria de amores plenos de volu-

pia, porém, nos dias de carnaval é a taça vaporosa dos prazeres transbordando de delicias e de harmonias.

Noute festiva que para mim foi um pesadelo, horas que roçaram por minha frente ainda exposta ás brisas enganosas da mocidade; momentos terriveis que me lançarão no meio das tempestades; porque não me levastes na voragem ao menos, e me abandonastes no seio do pélagó, só, exaustó, sem salvação?

A mim que tinha um pai e o matava de desgostos; que tinha um futuro risonho e o toldava para sempre; que tinha ouro, o suor de uma geração, e o lançava aos punhados para amar um anjo, ou talvez uma furia.

A familia, o futuro, o dinheiro; tudo por uma mulher!

O amor, Luciano, é a serpente seductora que vem dos infernos.

## V

Estava no theatro.

Era no meio de uma multidão de mascarás todos alegres, muitos ebrios, que envolvião-se nas vertigens de uma walsa.

Um presentimento me levava áquelle baile de Eumenides.

Vi-a, ella, a mulher que roubára toda inteira a minha existencia.

Ao braço de um dominó era ella a bohemia mais linda que percorria o salão!

Oh! se o era!

Segui-a passo a passo.

O homem que a levava se me afigurava um demonio.

Sentaráo-se á mesa do *baccarat*; sentei-me tambem.

Pouco tempo depois travamos a lata.

O dominó jogava como um reprobó encanecido no vicio e para quem o jogo era uma profissão.

Ella nos acompanhava no combate renhido em que eu disputava a victoria por um de seus olhares, por um de seus sorrisos.

Pugna ingloria em que de um lado havia a astucia e o latrocinio; do outro, os mais nobros sentimentos.

A sorte protegeu-me.

As minhas victorias succederão-se uma a uma. O monte de ouro estava de meu lado!... O meu adversario tremia quando fi-tava o brilho do dinheiro que perdia.

Foi para mim um momento de gloria, quando senti a bohemia abraçar-me e dizer-me ao ouvido:

— Amo-te...

Amigo, n'esses instantes de arrebatamento, de delirios, o homem se não é rei, tem tambem um throno resplendente; se não é Deus, tem tambem um céu esplendido!...

## VI

O jogo é a hydra venenosa que morde a todos que o cercão!  
E existem homens sem coração que se alimentão d'essa luta que recrudescce sempre, d'essa vida cheia de noutes de insomnias, d'esse embate de ambição contra ambição, em que se empenhão tantas existencias e d'onde resvalão tantas victimas, que depois vão arrojar-se pelos pantanos da mendicidade!

Joguei, um dia, bem sei; mas no vicio eu procurava a virtude e... encontrei sómente o vicio!

Quando julgava ter vencido meu contendor, enganei-me.

O amor que estava em meus braços, que me saciava em beijos, tambem me saciára da vingança, da gloria, de tudo: a alma, espirito credulo, queria sonhos e não dinheiro!

Perdi tudo que trazia, empenhei toda a minha fortuna; restava-me apenas um ultimo lance sob palavra: algum dinheiro que meu pai reservára para não acabar seus dias na miseria!

Tremi ao lembrar me d'esse crime.

Ella sorrindo, perguntou-me:

— Já tem medo?

— Medo! Eu?... Nunca!

Apostei e perdi.

O dominó dera afinal a gargalhada de victoria.

E logo após, elle, mulher, dinheiro, honra deixavão-me livido, estatico como um cadaver, á mesa da perdição!...

## VII

Accordei-me.

O ruido da orchestra despertou-me do lethargo: levantei-me.

No salão, os convivas esgotavão o ultimo travo da orgia.

Sêde insaciavel das almas perdidas, dos corações despedaçados.

Corri por toda a parte.

Meu punhal pedia vingança, porém a vingança terrivel d'a-

quelles que amão e sentem-se roubados em seu amor e em sua honra!

A confusão de cores, de luzes, de pares, fez-me errar bastante tempo; porém o odio que corroia-me as fibras fazia-me caminhar sempre como um louco, esbarrando aqui em uma columna, servindo ali de motejo a um *chicard* embriagado.

Afinal encontrei-os ambos: já era tempo!

Deves comprehender com que ancia, com que desespero eu atirei-me ao infame que procurava!

Houve um movimento de curiosidade por quasi todo o salão, todos agruparão-se em torno de nós, era chegada a occasião solemne para o braço vingador levantar-se altivo, soberano!

Porém a sociedade dos fatuos estabeleceu a regra dos duellos, tive de aguardar o dia seguinte para a desforra tremenda!

## VIII

Vaguei ainda pelo recinto do baile, sem uma ideia no espirito, como um simples automato, a minha emoção fôra tal que me tornára mais um idiota, mais um ebrio, do que um homem.

Quando pude encontrar a porta da sahida e respirar o ar da noute, revivi.

Perguntei a mim mesmo o que tinha visto, o que tinha feito?

Parecia-me tudo um pesadelo; porém uma mão tocando-me no hombro e uma voz murmurando baixinho, despertou-me:

— *Chi dura vince...*

Era ella.

Meu peito pulsou outra vez, eu a amava como um perdido, sofria d'essa molestia incuravel que os italianos chamão *furia de amore...*

— Conhece-me? disse-me com os olhos negros arrasados de lagrimas, sabe que lhe amo e não quero vel-o morto, oh! nunca!

Fuja d'aquelle homem que é um duellista terrivél, peça-lhe desculpas, mil vezes, antes do que se bater com elle; porque o póde matar, e eu já lhe amo muito!

E a mulher ajoelhou-se a meus pés com as mãos supplicantes.

Não tive medo de ser morto pelo adversario, nunca; tive compaixão d'ella!

No outro dia ás 6 horas da manhã, em um dos bosques da ilha de S. Lazaro esperei o meu inimigo; pedi-lhe perdão de minhas affrontas, curvei-me diante de todos os insultos que a sua enfatuada arrogancia dispensou-me de momento e finalmente fugi d'aquelle lugar corrido por uma vaia estrondosa dos curiosos do

baile de mascaras que vinhão assistir ao duello por entre os ramos das arvores.

E nessa hora de vergonha, de opprobrio em que eu abafava n'alma os mais elevados sentimentos de dignidade, consolava-me dizendo :

-- Mas se ella me ama, qu'importa !

## IX

Em uma noite de luar, como poucos dias antes, eu recostado ao parapeito da ponte do Rialto, onde ouvira pela primeira vez o ccho que despertou-me no coração emoções desconhecidas, ardentes e que parecião immorredouras ; eu fazia por esquecer todo o meu passado : uma familia que perdera, uma posição na sociedade, o dinheiro, a honra !

E para dourar essas sombras lembrava-me d'ella ; sonhava um futuro de amores junto de si, osculando sua nivea mão de archanjo, sorvendo as delicias de sua voz sonora, de seus olhos negros, de seus labios rosados...

Illusões!... amigo, que se desfazem diante da realidade, como a nevoa ao sol do meio dia.

Além ouvi a Santa Lucia, era o canto d'ella. Ergui-me !

Senti por todo o corpo calafrios de anciedade; queria vel-a, abraçal a e afinal diante de Deus unir sua existencia á minha !

Que sonhos apaixonados, ouves ?

Corri á praia. Esperei que a gondola se approximasse, para chamal-a...

Porém, Luciano, era tarde : a noiva que eu esperava já tinha um amante, ambos passarão junto de mim.

Chamei-a, ella deu uma gargalhada !

Provoquei o desconhecido, elle desenhçou-se : era o meu de-tractor !

Arrojé-me a elles, minhas mãos ensanguentarão-se embalde de encontro a popa do batel, que passou !...

.....  
E hei de crer ainda no amor ?

Vês este retrato que representa uma belleza typica ?

E' a medalha que ella deixou cahir junto de mim em uma das calçadas de Veneza ; guardo-a como uma reliquia sagrada.

Aqui vejo a belleza do retrato o o ouro da medalha, e belleza e ouro fundem-se n'uma palavra, n'uma mentira — amor !

LUCIANO. — Escuta: não ouves n'este momento um canto suavissimo repercutir até nós?

E' sem duvida algum pobre pescador que volta para o conche-go de seu lar, para os carinhos da esposa que estremece por elle.

Empunha o remo, barqueiro, e dirige a tua barca para aquella vela que voga além tão placidamente como um lyrio levado pela correnteza . . .

Quero ouvir o canto d'esse homem, tantas vezes açoutado pelas ventanias e cuspidado pelas vagas; quero ler-lhe na face tostada pelo sol todas as amarguras da sua vida errante.

Esse ente que ali vai no seu barco de pesca resvalando á flor do mar e despertando o silencio d'esta solidão com a harmonia de sua voz, quantas vezes não terá disputado a vida contra o furor dos elementos em noites invernosas e negras, em que o vento passa entoando ilha aos ouvidos um cantico de morte, em que as ondas envolvem-n'o em brancas mortaldas de espumarias, em que no céu não brilha uma unica estrella, nem na terra um pharol que lhe aponte um porto de salvação!

Será um crente como eu, Candido, ou um sceptico como tu? Ouçamol-o:

## CANTO DO PESCADOR

O homem na vida semelha-se ao nauta  
Que passa nos mares em fragil batel:  
A's vezes sorri-se nos cantos da franti,  
A's vezes lamenta seu fado cruel!

Sólta as velas, timoneiro,  
Sem temer furias do mar;  
Quer nas noites de pampeiro,  
Quer nas noites de luar!

Nem sempre se vóga n'um mar de bonanças  
Ao sopro das brisas serenas do sul!  
As nuvens se agrupão n'um céu d'esperanças  
E tornão-se negras as ondas de azul!

Volta o leme! rumo a norte!  
Firme a escôta! deixa orçar!

Seja o vento brando ou forte  
Sobre as ondas d'este mar !

Porém se a tormenta nos ares desmaia  
E os nimhos refulgem de luz rosicler,  
Tambem o barqueiro descobre na praia  
A patria, os filhinhos, o lar, a mulher !

Meu batel voga á bolina,  
Sem nas ondas sossobrar,  
Segue a estrella vespertina  
Que além brilha sobre o mar !

Ao sol do trabalho, no meio de horrores,  
Por sobre estes mares não vivem atheos !  
O nauta se é pobre — tem sonhos de amores,  
Se ás vezes é martyr — tem crenças em Deus !

Ferra as velas, timoneiro,  
E a fateixa lança ao mar !  
Vem gosar um mundo inteiro  
De prazeres no meu lar !

D. V. L. B.

Porto Alegre — Julho de 1874.

## PARECER

---

Os abaixo assignados tendo sido nomeados para a syndicancia sobre os graves rumores que circulavão a respeito da pretendida inconveniencia da poesia consagrada á memoria illustre do heroico coronel Genuino Olympio de Sampaio pelo distincto poeta Sr. Damasceno Vieira, e por S. S. recitada no sarão do *Parthenon Litterario* de 25 do corrente, vêm cumprir o grato dever de restaurar a verdade com as considerações que passão a expender.

Na clara e terminante lettra dos estatutos que regem a associação estabelece-se o mutuo respeito ás individualidades que a compõem pela indistincção de nacionalidades, crenças, condições, sexo e côres. D'aqui parte o primeiro protesto contra o que a malevolencia suggerio attribuindo a um socio um insulto a uma nacionalidade e ao *Parthenon* a sua adhesão a esse ataque insolito, porque esse ataque importaria a propria infamação.

Além d'isso ahi vem as considerações de ordem politica, que nos impõem o dever de acatar aquelles a quem offerecemos hospitalidade, a quem reverenciamos pela sua moralidade, a quem folgamos tributar gratidão confessando dever-lhe a prosperidade a que tem attingido a lavoura rio-grandense, finalmente a quem devemos hoje a abastança e riqueza material, e amanhã talvez a luz da sua sciencia e os beneficios de seus progressos.

Com estas considerações ainda vem a pello constatar o brilhante resultado coihido na provincia pela fusão das duas raças preponderantes no mundo civilizado.

Mas essas considerações, é verdade, não servem para disfarçar o insulto que especuladores sem alma nem patriotismo virão lançado da tribuna do *Parthenon* contra a colonia allemã da provincia; desfaremos pois a calumnia publicando a poesia, que sequer nem dá lugar a que levemente se possa pensar na existencia do alludido insulto. N'ella, a critica mais rigorosa, o mais pessi-

mista esmerilhador não encontrará nunca materia para atear o incendio, que, debalde e tão torpemente, quizerão levantar animos mesquinhos.

A commissão de syndicancia porém, não tem por fim senão conhecer da veracidade do facto, e para isso julga-se dispensada de maiores considerações.

A poesia em questão, não é um ataque á uma nacionalidade amiga; é um brado de indignação em desafogo de uma dôr profunda; é uma brilhante scentelha do genio illuminando um pavoroso espectaculo; é o brado unanime de um povo, que irrompe imponente como um raio da colera celeste, após um momento solenne de silencio terrivel, em que elle parára mudo, arquejante, oppresso, fulminado pela fatalidade que tão descommunalmente o ferira, ante a sinistra catastrophe, que escreveu com sangue illustre a pagina negra da espantosa tragedia esboçada com o punhal do sicario e allumiada pelo clarão dos incendios.

Essas endeixas sentidas, em que o poeta rende ao martyr da cruzada ingloria a homenagem piedosa do christão, do amigo e do compatriota; essas endeixas repassadas de magôa, que se desfolhão em lagrimas sobre o ataúde de um cidadão illustre, de um pai extremoso e de um honrado e heroico soldado, são a patria, o exercito e a familia que se fundem na alma do poeta.

Essas strophes de fogo são raios que fulmiuão os actos vandalicos de uma horda de bandidos, qual a horrenda seita de Maurer; ellas exprobrão a ingratição do estrangeiro, que, miseravel o perseguido, retribue-nos a cordial hospitalidade com depredações sem nome, com horrorosos crimes, fazendo-se apostolo do Evangelho.

Essas strophes, repetimos, são a consubstanciação sublime de tudo quanto ha de nobre, de grandioso e de justo no coração humano, pronunciando a condemnação de um monstro, que deshonra não só o paiz em que nasceu, como a sociedade inteira que contamina com a horrivel peçonha que tressua.

Não ha, pois, na poesia do Sr. Damasceno Vieira o ataque, que enxergou a malevolencia, contra a respeitavel e honrada colonia allemã, a mais sacrificada pela infame seita de que são chefes Klein, Maurer e sua hedionda esposa e complice Jacobina.

São estas as considerações, que se nos offerecem fazer, parecendo-nos mais que sufficientes para comprovar a injusta recriminação de que foi objecto o *Parthenon Litterario*.

## À MEMÓRIA

DO CORONEL GENUINO OLYMPIO DE SAMPAIO

Tu que voltaste coroadado em louros  
Das marcias lides, lutador valente,  
Que ao sol da guerra não curvaste a frente,  
Nunca tremeste ao marcial clarim ;  
Tu que abrigado da familia ao seio  
Tinhas deixado da victoria os trilhos  
Amor profundo consagrando aos filhos  
Que embalde chorão do guerreiro o fim ;

Tu — foste o martyr da cruzada ingloria !  
Quando suppunhas te cingir de louro,  
Ferio-te a morte no fatal pellouro  
Que para sempre te prostrou ao chão !  
A' patria deste o derradeiro alento . . .  
Hoje no leito sepulchral dormitas,  
Emquanto as turbas cannibae, malditas,  
Nos cobrem d'irrisão !

Elles são hoje desta terra os Hunos !  
Almas crueis de sordidez sem nome,  
Que espalhão luto, perdição e feme,  
Descrendo d'Esse que expirou na cruz !  
Peitos de bronze com brutal instincto !  
Córvos que agora cnnegrecendo os ares  
Pairão medonhos nos seus proprios lares,  
De mil incendios á sinistra luz !

Aqui tiverão protector influxo  
A' sombra doce das gentis florcastas,  
Sentindo as flores lhes sorrir nas sestras,  
Sentindo a vida lhes brilhar na tez !  
Agora, em troca dos carinhos todos,  
A seita horrenda de alimarias brutas  
Quer, entre o fogo do terriveis lutas,

Esmagar-nos aos pés !

O' vasto oceano ! porque a nós trouceste  
O vil apost'lo d'essa crença immunda ?  
Porque das ondas na voragem funda  
O não fizeste se abysmar . . . morrer ?  
Elle, o bandido, renegado em crenças,  
Ah ! não viria ~~nes~~ manchar de sangue,  
Nem do um valente sobre o corpo oxangue  
De nós escarnecer !

E tu, guerreiro, que na vida foste  
Das marcias lides lutador valente,  
Que ao sol da guerra não curvaste a frente  
Nunca tremeste ao marcial clarim,  
Tu foste o martyr da cruzada ingloria !  
Mas a vingança se erguerá tremenda  
Contra os sequazes d'essa scita horrenda  
Que agora exultão por te ver assim !

Patria ! que viste succumbir teu filho  
Em prol da causa sacrosanta e justa !  
Levanta a fronte soberana, Augusta !  
Esmaga ás plantas o mordaz reptil !  
Oh ! não consintas que descance impune  
Vil sacerdote que exilado veio  
Pedir-te abrigo, e que te morde o seio  
Zombando do Brazil !

DAMASCENO VIEIRA.

25 de Julho de 1874.

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.  
ACHYLLES PORTO ALEGRE.  
VASCO DE ARAUJO E SILVA.

Parthenon Littorario, 29 de Julho de 1874.

GABILA

POEMA

DEDICATO

Hilario, nobre amigo, a quem consagro  
Este pobre poema, se poema  
Queres chamar ás scenas de meus pagos,  
Das varzeas onde canta a seriêma  
Nas horas merencorias do crepusculo ;  
Onde constante á beira da lagôa,  
O quero-quero, pervigil esculca,  
A ligeiro rumor o canto entôa ;

Onde o pampa é theatro da bravura,  
E cada palmo ahi, da nossa historia  
E' soberbo padrão, baliza augusta,  
Mostrando aos homens um trophéo de gloria ;  
Onde á noite, nos ranchos os campeiros,  
Tomando mate em torno de bom fogo,  
Fallando de batalhas e guerrilhas,  
Tudo olvidão em nobre desafogo ;

Ou junto da familia, que os escuta  
Em attenção profunda, rememorão  
Passos de boitatás e do crioulo,  
Por quem almas sensiveis inda chorão  
Nas senzalas affeitas á desgraça ;  
De caipóras, pavões que lanção chammas,  
Phantasmas das coivaras taciturnas.  
De urutãos que solução d'entre as ramas...

O' lendas santas, joias de innocencia,  
Ennastro em corações do simples povo,  
Consolo d'uma raça que s'extingue,

Tradicções lindas d'este mundo novo.  
Embalastes meu berço, minha infancia,  
E inda hoje me sorris á mocidade,  
O' eu vos levarei após a vida,  
Comigo ireis transpondo a eternidade!

Que loucura sem nome, fido Achates,  
Fallar-te assir, da patria! Em tal linguagem!  
Em tudo ser sincero rio-grandense,  
Pondo á luz d'esta terra a doce imagem!  
Não é por ti que o digo, é pelos zoilos,  
Que em plaga extranha buscão seus thesouros,  
Que, em ser pirata pelo mar da Europa,  
Julgão obter immarcessiveis louros!

Tu que és poeta, dedicado amigo,  
Tu que um eterno culto á crença rendes,  
Amas o justo, á corrupção não dobras,  
E nem os cantos teus ao vicio vendes;  
Tu que o Rio Grande adoras, nosso berço,  
Não com o dubio affecto d'um Tarquinio,  
Porém com fundo amor, a offrenda aceita,  
Guarda-a dos seios no sagrado escrinio.

IRIÊMA.

---

## DESALENTO

Que tristeza, meu Deus! Como a minh'alma  
Deserta, sem affectos, muda está!  
E' um ermo profundo, sem belleza,  
Onde um raio de luz sequer não ha!

A's vezes — ave errante, que vaguêa  
Da descrença cruel entre os regelos,  
Minh'alma quer o vôo descerrando

Ir em busca do sol, de sonhos bellos!

E vai contente até roçar as azas  
Em um céu radiante de chimeras,  
Tentando reviver a crença pura  
Que no seio alentou, em outras eras !

Mas desce logo após sombria e triste,  
Tendo apenas colhido desenganos,  
Em vez das flores alvas, que coroão  
A formosa estação dos vinte annos !

Qual romeiro, que exhausto se reclina  
Do campo sobre o leito de verdura,  
Tambem minh'alma cança e dorme exhausta  
Longo somno febril na desventura !

Que durma a triste, pois: adormecida  
Não sente a mão sinistra da desgraça  
Esmagar-lhe no seio as esperanças,  
Serpente que o rosal em flôr abraça !

Que durma a triste, pois: gelada campa  
Que os sonhos mortos do passado encerra !  
Um dia acordará no céu, liberta  
Das dôres que a crucião sobre a terra !

AVELINA BAREM.

Rio Grande, 11 de Julho de 1874.

## CHRONICA

---

A companhia dirigida pelo Sr. Furtado Coelho ainda continúa trabalhando no S. Pedro.

A sua vinda á Porto Alegre foi, pois, uma providencia.

A não ser elle como arrastariamos nós a existencia n'estes se-rões longos e monotonos do inverno?!... Não teriamos assistido ás *Mulheres de marmore*, *Lenço branco*, *Supplicio de uma mulher*, *Remorso vivo*, *Morgadinha de Val flor*, *Direito de conquista* e a *Estatua de Carne*.

Só uma cousa lamentamos: é não termos applaudido uma producção do theatro brasileiro!

Não existem?

Existem. O mal não é esse; é o gosto publico pervertido.

Na côrte, n'aquelle centro de luz, ali mesmo, exilão da scena o bom drama nacional para darem ingresso ao *Orphéo na roça*, a *Romã encantada* e a outras palhaçadas, só proprias de theatrinhos de aldêa.

E a prova de que o gosto publico está pervertido aqui temos tambem entre nós.

E' essa exaltação, esse entusiasmo delirante pelo *Remorso vivo*, na nossa humilde opinião, inferior ao *Supplicio*, á *Morgadinha* e a *Estatua de Carne*.

A fabula do drama agrada, ha algumas scenas de bastante effeito e a linguagem na altura de illustrar o espirito publico.

Mas se ha essa phase brilhante para recommendal-o, a outra não nos agrada porque nos recorda o espalhafato dos *Milagres de Santo Antonio*.

E' a nossa opinião franca e desprerenciosa e que em nada pó-de prejudicar o merito e os interesses de tão proeminente artista.

Se o espaço d'esta *Chronica* nos permittisse, estenderiamos-

nos mais sobre este assumpto ; e fariamos com todo o agrado, mórmente quando ainda conservamos as gratas impressões do *Supplício de uma mulher*, onde a naturalidade de D. Lucinda e o genio do Sr. Furtado tem o condão de dominar as multidões.

\* \* \*

No dia 13 teve lugar a eleição d'esta associação. Ainda continua dirigindo os seus destinos o illustrado e prestimoso consocio o Sr. Firmiano Antonio de Araujo, que tem-se votado em corpo e alma aos interesses de nossa sociedade.

Os membros da directoria forão quasi *in totum* reeleitos.

E' de esperar que o mesmo interesse, que mostrarão na administração passada, os anime ainda agora.

\* \* \*

Das officinas da *Imprensa Litteraria* sahio um folheto com o titulo — *Bibliotheca dos meninos*, collaborado pelos Srs. Hilario de Andrade e Silva e Vasco de Araujo.

Escrepto em uma linguagem adaptada á intelligencia infantil, e variado e util, pelo capital de conhecimentos, que a creança insensivelmente, vai adquirindo, é de crer que tão nobre e importante commettimento encontre toda a protecção da parte dos bons pais de familia e principalmente do nosso professorado.

\* \* \*

No dia 25 realizou-se o 11º sarão litterario.

Occupou a tribuna da prelecção, tendo escolhido para assumpto o *desenvolvimento do espirito humano*, nosso irmão Apelles Porto Alegre.

Abrilhantarão a secção lyrica as Exmas. Sras. D. Maria José Martins, D. Florisbella Leite de Castro, D. Dulce Capistrano e D. Luiza Corrêa ; e a secção musical os Srs. Stott e Bueno.

Pelo socio Damasceno Vieira foi recitada uma bellissima poesia, sobre a morte do coronel Genuino Olympio de Sampaio, morto ingloriamente n'um tiroteio dos mauristas.